



“ELE, O BOTO”: ANÁLISES A PARTIR DA ETNOGRAFIA DE TELA

Silmara Aparecida dos Santos¹
Cláudia Maria Ribeiro²

Resumo

O nosso país possui grande riqueza cultural representada em diversos textos culturais: vídeos, filmes, imagens, danças, músicas, mitos, lendas, que fazem parte da historicidade da nação brasileira. Inventada há anos na tentativa de dizer o que até então seria indizível, de explicar fatores sobrenaturais, retratam situações cotidianas, inundadas por uma mistura entre fictício, real, imaginário, drama e romance. Lendas que anunciam a complexidade de assuntos engendrados no social, considerados como tabus e que aparecem nessas narrativas como uma forma de dizer aquilo que não podia ou não devia ser dito. E é na tentativa de problematizar os dizeres que circundam as lendas, especificamente a lenda do Boto, que a proposta deste trabalho mergulha na análise etnográfica do filme “Ele, o boto”.

Palavras-chave: Lendas. Boto. Etnografia.


Narrativas lendárias

Paulatinamente tentamos compreender como o mundo é constituído e porque as coisas são como são. Com o tempo, vamos aprendendo que não só fazemos parte simplesmente e, sim, somos construtores/as e produtores/as. Construimos e produzimos histórias, saberes, verdades, discursos, linguagens, olhares, percepções, formas. Em outras palavras, as coisas são não porque estão postas e sim porque foram construídas! É justamente no âmbito do discurso, daquilo que é dito e criado que estão as narrativas mitológicas e lendárias. As lendas e mitos fazem parte da historicidade da nação brasileira. Inventada há anos na tentativa de dizer o que até então seria indizível, de explicar fatores sobrenaturais, que iam além do real e racional, por isso que é um aparato que transita entre esses campos – do real e o irreal. “Os mitos forneciam aos seres humanos um corpo de conhecimento e métodos para lidar com a natureza e construir modos comunitários de vida produtivos e criativos” (PENNA, 2009, p. 31).

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Lavras. Professora da rede pública de ensino de Minas Gerais. silmarasantos93@gmail.com

² Professora Titular, Aposentada e Colaboradora Voluntária do Departamento de Educação – DED da Universidade Federal de Lavras – UFLA. Líder do grupo de pesquisa – Relações entre a filosofia e educação na contemporaneidade: a problemática da formação docente – Fesex. ribeiro@ded.ufla.br





Boiúna, Curupira, Cobra Grande, Guaraná, Iara, Matinta Perera, Mapinguari, Tambatajá, Uirapuru, Vitória Régia, Boto, são algumas das lendas que existem no nosso país, sendo a maioria delas originária do Norte. Este último será abordado mais especificamente neste trabalho, uma vez que o objetivo central é problematizar a lenda do Boto a partir da análise etnográfica do filme “Ele, o boto” na tentativa de explicitar questões que transitam pelas temáticas de gênero, sexualidade e pelo imaginário das águas. O limite de caracteres para este texto nos permite apenas informar que nossos referenciais se encontram nos textos apresentados no Museu Imaginário das Águas, Gênero e Sexualidade³

A lenda do boto

A lendária narrativa sobre o boto é umas das mais conhecidas histórias, não só na região amazônica, mas no país como um todo. Aprendemos sobre as histórias do encantado boto geralmente no ambiente escolar quando professoras e professores elaboram atividades sobre o folclore brasileiro.


O boto é um mamífero da classe dos cetáceos, espécie característica da região amazônica e possui grande semelhança com os golfinhos (PAES LOUREIRO, 2000). Os tipos de botos da região da Amazônia são o vermelho ou cor-de-rosa, o cinza ou o boto tucuxi, e o preto, embora o protagonista mais frequente das lendas que envolvem danças, trapaças, embriaguez e sedução seja o boto-cor-de-rosa (CÂMARA CASCUDO, 2002).

Conta a lenda que o Boto, mamífero encontrado nos rios da Amazônia, se transforma em belo e elegante rapaz durante a noite, quando sai das águas à conquista das moças. Elas não resistem a sua beleza e simpatia e caem de amores por ele. O boto também é considerado protetor das mulheres, pois quando ocorre naufrágio com uma embarcação, se o boto estiver por perto ele salva a vida das mulheres empurrando-as para a margem do rio. As mulheres são conquistadas pelo boto na beira dos rios, quando vão tomar banho ou mesmo nas festas realizadas nas cidades próximas a rios. O boto vai aos bailes e dança com sua provável vítima, lançando galanteios de sedução. A mulher, sem desconfiar da armadilha, se apaixona e engravida do “rapaz”. É por esta razão que ao boto é atribuída a paternidade de todos os filhos de mães solteiras (www.paraturismo.pa.gov.br).

Segundo a lenda, o boto é um ser encantado que durante a noite sai do rio e toma a forma de um homem, que nas narrativas é branco, alto, cabelos escuros e magro – típico do padrão hegemônico. Um homem elegante, galanteador e que possui uma ótima conversa, o que desperta ciúmes em outros homens. O encantado, chega na noite e escolhe a cabocla mais bonita do ambiente, e entre danças, conversas, elogios, o conquistador vai ganhando a moça. Após uma noite regada de prazer e intensidade, antes do amanhecer o homem-boto volta para o rio, metamorfoseando-se, e deixando, portanto, a cabocla em eterno devaneio.

³ www.fastore.pt/museu





A lenda do boto em determinado aspecto possibilita problematizar a metamorfose que o boto sofre ao se transformar em homem, uma vez que na narrativa o personagem se transforma em algo diferente do que era. O cetáceo se metamorfoseia em humano, em homem. O homem metamorfoseado precisa ir antes que o sol se ponha, pois caso contrário, ele se transforma em boto no ambiente em que estiver. Assim sendo, o tempo é algo crucial, visto que há um período que estipula o quanto irá durar a transformação e, passado esse tempo é inevitável que volte a ser o que era. O tempo é medido pelo pôr do sol, elemento que limita a mudança, a transformação, a metamorfose.

Uma mudança que é explicitada nas narrativas, nos discursos que engendram saberes. E as determinações exteriores influenciam significativamente na construção de narrativas. E essa narrativa é estruturada com base em um contexto que transita pelo cultural e social. Em outras palavras, não há um discurso que seja neutro, que possa ser inerente ao contexto ao qual fazemos parte.


Etnografia: um estudo investigativo

A etnografia é uma abordagem teórico-metodológica de pesquisa que vem subsidiando investigações, principalmente no campo da educação, por ser uma metodologia científica da qual pesquisadores e pesquisadoras estão se apropriando consideravelmente. Por esta ser um processo conduzido pelas percepções do/a pesquisador/ a, o que algumas vertentes chamam de etnógrafo/a, a pesquisa etnográfica não possui regras pré-estabelecidas a serem seguidas criteriosamente. Mattos (2011, p. 50) afirma que “a utilização de técnicas e procedimentos etnográficos, não segue padrões rígidos ou pré-determinados, mas sim, o senso que o etnógrafo desenvolve a partir do trabalho de campo no contexto social da pesquisa”. Sendo assim, depende totalmente do contexto ao qual o/a pesquisador e pesquisadora estará desenvolvendo a pesquisa para delimitar quais os instrumentos de análise que serão elaborados de acordo com a necessidade do campo de pesquisa em questão e dos possíveis caminhos que serão construídos pelo/a etnógrafo/a.

Etnografia é a especialidade da antropologia, que tem por fim o estudo e a descrição dos povos, sua língua, raça, religião, e manifestações materiais de suas atividades, é parte ou disciplina integrante da etnologia e a forma de descrição da cultura material de um determinado povo (MATTOS, 2011, p. 53).

A etnografia inicialmente teve esse caráter de apenas fazer o estudo descritivo de um delimitado povo, sua cultura, seus costumes, suas formas de interação, entre outros, porém, muito se ampliou esse conceito, uma vez que esse recurso metodológico investigativo vem





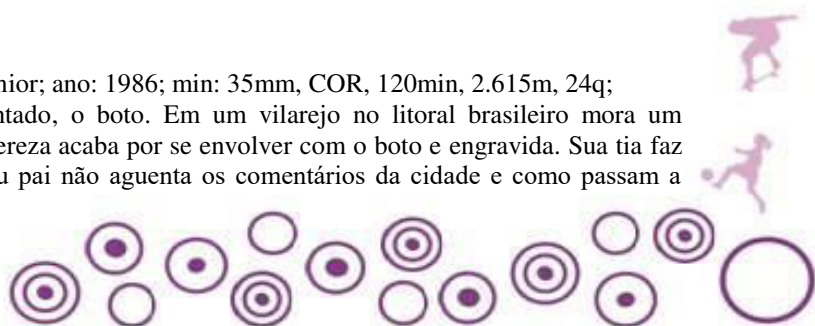
sendo usado em diferentes pesquisas nos mais variados campos epistemológicos. A pesquisa etnográfica se resume basicamente na descrição, podendo ter os mais diversificados objetos de análise, como por exemplo filmes, vídeos, quadros, uma sala de aula, uma disciplina específica, um esporte, dentre outros. Os objetos são inúmeros, contudo, a metodologia usada se configura estritamente na descrição. Mas não uma descrição sem fundamento, sem base, rasa, muito pelo contrário, é uma descrição densa. Para Geertz o que define a pesquisa etnográfica “é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa” (1989, p. 15).

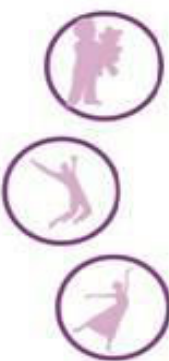
Uma descrição do qual o estudo etnográfico necessita do olhar do/a etnógrafo/a para determinar quais serão os caminhos do estudo. É uma escrita de objetos concretos, mas que decorre da observação, do conhecimento tanto do objeto e para além dele depende das percepções que serão feitas a partir do objeto de estudo etnográfico. “Etnografia é a escrita do visível. A descrição etnográfica depende das qualidades de observação, de sensibilidade ao outro, do conhecimento sobre o contexto estudado, da inteligência e da imaginação científica do etnógrafo” (MATTOS, 2011, p. 53). É nesse sentido que nos transportamos para realizar uma etnografia de tela em que a tela é o nosso objeto de estudo. A tela, pela tela e através dela constituímos significados, possibilidades de relacionar o instrumento fílmico com os discursos que circundam os meandros do social. “A tela seria uma das possibilidades concretas de apresentar e constituir realidade. A tela torna-se uma teia de discursos” (BALESTRIN; SOARES, 2014, p. 92). Teia tecida em um emaranhado de constructos que colocam em destaque as representações sociais e culturais disponíveis no cultural e social. É nesse emaranhado que nos enroscaremos para problematizar a tela, isto é, o aparato cinematográfico. “Antecipadamente, não há como saber o que um filme pode, afinal, fazer conosco, e vice-versa – o que nós podemos fazer com um filme. É na relação que estabelecemos com a imagem que se nos coloca que algo pode (ou não) acontecer” (BALESTRIN; SOARES, 2014, p. 93).

Etnografia de tela

Em consonância com tais pressupostos, pretendemos aqui realizar um estudo etnográfico de tela do aparato cultural fílmico *Ele, o boto* (1986)⁴. A obra cinematográfica se

⁴ Gênero: drama; produção: Walter Benjamim Júnior; ano: 1986; min: 35mm, COR, 120min, 2.615m, 24q; A película conta a instigante história do encantado, o boto. Em um vilarejo no litoral brasileiro mora um pescador e suas duas filhas – Tereza e Corina. Tereza acaba por se envolver com o boto e engravida. Sua tia faz o seu parto e Tereza pari o “filho do boto”. Seu pai não aguenta os comentários da cidade e como passam a






inicia com a personagem principal Tereza, uma jovem de cabelos pretos, pele clara, estatura média-alta saída de uma casa simples em algum lugar no litoral. Ela avista ao longe um homem nadando nas águas do mar, que parece estar vindo ao seu encontro. Logo em seguida, ambos se encontram no mar e ficam se admirando por alguns segundos e acabam se entrelaçando num unir de corpos com muito desejo, sedução e prazer. Após o encontro, Tereza sai aos gritos da água. Já na areia da praia se depara com seu pai e alguns pescadores. Surpresa com a desorientação e desespero da jovem moça, o pai lhe pergunta: – *o que aconteceu filha? O que aconteceu?* E antes mesmo que ela pudesse ensaiar uma resposta, os pescadores respondem – *o Boto Zé, o boto!* E caem aos risos. Ao longe, mostra-se no mar um homem nadando que de repente se metamorfoseia em boto mergulhando e desaparecendo na imensidão do mar.



Nesse início da película é possível refletir sobre, não só o encontro da jovem moça com o boto, mas especialmente como esse encontro acontece e o que dele decorre. Quando Tereza se encontra com o homem no mar, ela parece estar hipnotizada por um desejo imenso de estar junto daquele homem que nunca tinha visto antes. É como se ansiasse há tempos que esse homem a tomasse nos braços e fizesse dela uma mulher. E é justamente o que o homem faz, porém, finalizado o encontro daqueles corpos seduzidos de prazer e desejo, é como se a realidade, o contexto real voltasse como em um passe de mágica, como se Tereza tivesse acordado de um sonho, mas que na verdade era um sonho-real, porém, quando se dá conta disso, sai aos gritos e desesperada por ter se entregado ao boto.

chamar sua filha – “mulher do boto” ele se suicida. Tereza se casa, porém não consegue esquecer o boto, com quem se encontra algumas vezes. Seu marido com ciúmes manda matar o boto.





Logo após o encontro de Tereza com o pai e os pescadores, a tela nos mostra uma jovem grávida dando à luz com o auxílio de uma tia. A jovem é Tereza, que acredita que vai morrer por estar sentindo um calor incomum. A tia auxiliando Tereza no parto esfrega em cima da cabeça da moça casca de alho e pimenta dizendo: – *casca de alho, pó de pimenta ajuda essa mulher pra vê se guenta, pó de pimenta, casca de alho... nasce esse menino, revira ao contrário. Revira ele em bicho que eu levo ele pro mar. Ele é filho de boto, ele sabe nadar.* A criança, ainda nas pernas da mãe se “revira” em boto. A tia pega-o em suas mãos e correndo pela praia joga-o no mar. O cetáceo encontra-se com outros botos e ficam a nadar.



Imagem 1



Imagem 2

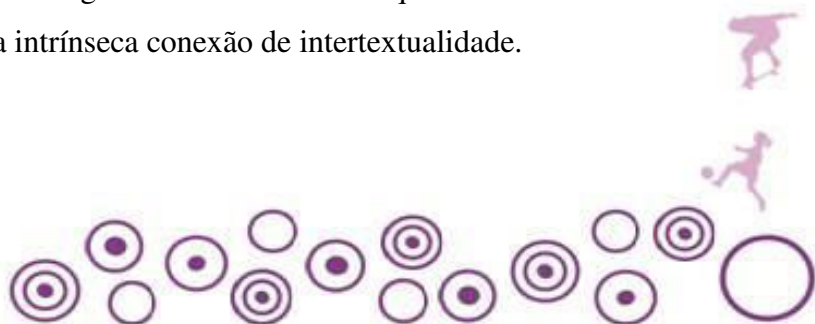




Imagem 3

Esse momento do filme é extremamente importante para pensarmos sobre a lenda do Boto, uma vez que nos permite refletir sobre o nascimento do boto e as implicações disso. Após a união carnal do boto com a jovem moça Tereza, ela surge grávida e dando à luz ao filho do boto, que nasce e ainda nas pernas da mãe se metamorfoseia em boto. Nesse instante, a lenda se faz mais uma vez presente, pois o filho do boto que também é boto, nasce e precisa ir conhecer o seu habitat natural, isto é, o mar. Por isso, a tia de Tereza expressa: “Revira ele em bicho que eu levo ele pro mar”. Aqui, percebemos que diferentemente da lenda contada e narrada, o filho de boto se metamorfoseia assim que acaba de nascer e não depois quando entra na fase adulta no instante que entra em contato com o mar em dia de lua cheia e, por esse motivo necessita voltar ao mar, o que não é problema como podemos perceber na frase que mais uma vez a tia exprime “Ele é filho de boto, ele sabe nadar”.

O filme enquanto um texto cultural possibilita diversas problematizações que circulam entorno da narrativa da lenda do boto. É interessante e importante ressaltarmos que é um aparato cultural, tido aqui neste trabalho como uma construção cultural, que é produzida por sujeitos que estão imersos em conjunturas culturais e sociais e, sendo esses sujeitos fabricantes desses enunciados e discursos que circulam nos mais variados aparatos culturais nos permite inúmeras análises. Os aparatos dizem coisas sobre si e sobre o meio em que circulam. E é levando em consideração tal afirmativa que relacionamos a lenda com o aparato cultural fílmico, uma vez que ambos se configuram com intertextos que se relacionam em suas estruturas com outros textos em uma intrínseca conexão de intertextualidade.





Considerações Finais

São infindáveis as questões que cercam os aparatos culturais, especificamente o analisado neste trabalho. E foi na tentativa de explicitar as enunciações que circulam acerca das lendas que construímos esta pesquisa, problematizando especificamente a lenda do Boto a partir de um estudo etnográfico do aparato fílmico “Ele, o boto”. Tentamos explicitar em que medida esses textos foram e são produzidos, em que espaços, quais os dizeres veiculados e qual o lugar em que está (pode) ser dito e o porquê.

Adentramos uma espécie de labirinto, mergulhamos por águas desconhecidas em que não se sabe onde está o fim e nem se vai encontra-lo, porém não foi um perder-se, mas sim, um mover-se por uma busca, por encontrar algo, por movimentar-se a procura. Mergulhamos por uma intensa busca. Buscamos compreender mais a nossa historicidade cultural tentando compreender o quanto influenciou e influencia a cultura brasileira como um todo.

Referências Bibliográficas

BALESTRIN, Patrícia Abel; SOARES, Rosângela. “Etnografia de Tela: uma aposta metodológica. *In*: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marluicy Alves (Org.). 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Geografia dos mitos brasileiros**. 2. ed. 10. reimpressão. São Paulo: Global, 2002.

GEERTZ, C. A. **Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos, 1989.

PAES LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Obras reunidas**. São Paulo: Escrituras Editora, 2000. v. 4.

PENNA, Eloisa Marques Damasco. **Processamento Simbólico Arquetípico**: Uma proposta de método de pesquisa em psicologia analítica. São Paulo, 2009.

MATTOS, C. L. G. A abordagem etnográfica na investigação científica. *In*: MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A. (Org.). **Etnografia e educação**: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-83. ISBN 978-85-7879-190-2. Available from Scielo Books <<http://books.scielo.org>>.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

